ACTUALIZAÇÃO À NATUREZA DOS DESASTRES PRINCIPAIS

Ninguém sabe se Deus existe e de que morte padece o homem, o crente do nada. As fantasias que tecemos à volta das nossas percepções, a qualquer hora do dia, são apenas um enquadramento do visível a tornar-se real. Tudo é tanto que precisamos baixar a guarda, deixando mergulhar as mãos no sangue do orvalho escorrendo das lâminas. Prece, espera, raiva de um passado insuportável. Mas as coisas em geral são reanimadas, um jornal aparece na mesa, os dedos enfim tocando na notícia, inquietos, ou daí a pouco voltando essa primeira página, fazendo aparecer a seguinte, quase sempre o olhar a deixar-se seduzir pelo rosto à direita, vendo os bocados da composição. E em baixo a mulher destroçada pelos combóios do vento.Hoje podemos fitar longamente aquela fotografia: quatrocentos e cinquenta mil curdos em fuga, atravessando a fronteira da Turquia, deixando atrás de si um rasto de corpos degolados e crianças esmagadas, cemitério ao sol e sob o brilho das adagas dos islamitas radicais — um Estado absurdo, sem terra, religiosamente alucinado em pleno século XXI, contra velhas fronteiras, outras etnias, o Ocidente inteiro. As novas tecnologias abriram para todo mundo a realidade em tempo real, as explosões e as ruínas, as guerras em efeito dominó, metade do Iraque em estilhaços, a Síria destruída, o Irão vigilante, a Ucrânia violada por ímpias invasões de rebeldes de carnaval, Putin sorrindo entre as enormes portas douradas que se abrem à sua passagem. A Rússia anexou a Crimeia, acompanhou mais dois roubos de território a leste. Combate-se por lá, de forma estúpida, a logística encerrada em camiões humanitários mandados por Moscovo, filas deles, todos forrados com lona branca. Sem letras. Sem números. Sem nota de origem nem títulos de guarda.

Esta grave crise internacional, ricochete das várias bolas de neve que simbolizam as diversas promiscuidades da globalização, internacionalidades sem fronteiras, transportes de todos os tipos atravancando o espaço das vias, vem rodando a roda dos negócios ou negociatas, roendo o perfil dos princípios e ajudando a sepultar valores, vidas, indústrias, culturas. Tudo o que povoara o mundo nos anos 60, a Europa sobretudo, gente como Sartre, Camus, Huxley, Bergman, Tarkosky, Antonioni, entre muitos outros, os poetas, os músicos, um solene respeito pelo grande património gerado nas épocas mais longínquas, tudo isso começou a desfazer-se em vagas silhuetas, obras descartáveis, novas tecnologias resvaláveis e sobretudo um abaixamento dos polos avançados, em níveis de excelência, durante quase todo o século XX, desastres rasgando os caminhos reais do futuro. E agora, à entrada desse futuro, as crises anunciam, cada vez com maior despudor, o insucesso dos grandes projectos e o valor de sustentação vindo das metas superadas pela ciência ou pelas artes. Podemos agora imaginar Picasso substituído através de aleatórios desenhos soprados em tinta pelas bocas de pequenos robots, de forma ocasional ou em telecomando. Tais alternativas, a par dos minimalismos obsessivamente radicais e outros inusitados modos de formar, abrem à criação plástica um verdadeiro universo imensamente tolerante para com o gesto e a mancha, instalações perecíveis, novos mitos, outros génios sem conta, tudo cada vez mais desmontável ou preso a grandes cadeias produtivas focadas na indústria das artes, como conservas de raízes, marcas, sinais, coisas intercoláveis, capazes de tornar a variação do espaço habitado uma paisagem infinitamente massificada pelas escolhas do efémero.

Nenhuma civilização, desde que a história se tornou ciência, e no momento do seu ponto mais significativo, resistiu ao descontrolo daquelas relações, depois de ser e ter, ver e fazer; todas elas, em tais circunstâncias, após cumes de iluminação, entraram em falência, começando a desistir de grande parte dos seus objectivos, deixando-se seduzir por maneirismos prosaicos e preguiçosos, pensando cada vez menos na conservação das obras ou dos pensamentos fundamentais da sua génese. O homem foi sempre assim, genericamente, fragmentando-se ou não, desinteressando-se das regras, do sonho e dos seus próprios contextos técnico-artísticos: e sempre parecendo que não.

Esta terrível sinopse, além de apontar para longas análises e buscas sobre as mais importantes civilizações que nos precederam, corresponde afinal a uma grande parte, entre datas inqualificáveis, dos “desastres principais” acontecidos sobretudo na idade contemporânea. Desde as guerras mais remotas às duas grandes guerras mundiais do século XX, o desrespeito da entidade humana e dos seus direitos (hoje consagrados mas sem resposta), ultrapassou a medida, mesmo genérica, da vida em comunidade, abrindo processos de retrocesso um pouco por todo o planeta, entre latitudes muito diferentes, com dinheiros assimétricos, quase um século depois de terem sido destruídas em breves segundos, com apenas duas bombas atómicas, duas significativas cidades no Japão, país na altura ainda em guerra com as forças Aliadas, fundamentalmente os Estados Unidos da América.

Mas toda a cultura que se formara e condensara por volta do século XV, no benefício da expansão territorial e oceânica, salpicada das memórias antigas, conjugando tais imagens, tais ideias, tais benefícios do ver e da representação com outros planos de pesquisa e descoberta, atingiria o século XIX num plano de abertura ao planeta, aos utensílios e obras de arte, ou numa espécie de esboço para o que podemos chamar de primeira globalização. Isso fez-se na trajectória da ocupação de mais terras pelos novos impérios, contendas quanto aos direitos de chegada e usufruto, povos locais manietados à crença de um trabalho que lhes era retirado das mãos, rotas comerciais sinalizadas por fortalezas, interesses cruzados ou trocas que provocavam depois importantes circuitos por essa Europa fora, migrações de trabalho ou crença. As catedrais românicas foram passando ao gótico, entre configurações em altura, como se tais agulhas significassem a ligação a Deus e muitos soubessem que a fé católica, dominando as nações, precisava cada vez de maior presença, de maior fascínio, feita da raridade dos efeitos, talvez milagres — enquanto a submissão das massas de camponeses, a par dos artesãos, dos pedreiros, dos afeiçoadores da madeira, da pedra, do ferro, dominava a própria luz solar através de hábeis tratos de refracção pelos vidros de cor justapostos ao jeito das grelhas de chumbo, porventura na ambição de evocar os milagres dos santos representados ou estrelas, rosáceas, o movimento nos olhos de quem se imobilizava em contemplação.

Rocha de Sousa

*Excerto de um livro em preparação «que lugar para o Estado Islâmico»*